

DO EGOÍSMO PSICOLÓGICO A COMPAIXÃO METAFÍSICA: CONTRIBUIÇÕES SCHOPENHAERIANAS NO DEBATE METAÉTICO CONTEMPORÂNEO

From psychological egoism to metaphysical compassion: contributions of Schopenhauer to the contemporary metaethics debate

José Luis de Barros Guimarães ¹

Resumo: No livro IV, de O mundo como vontade e representação, Arthur Schopenhauer afirma que as ações humanas podem acontecer por motivos e quietivos. As ações que levam em consideração uma cadeia de motivações são sempre auto-dirigidas, tendo em mente que os indivíduos agem pra satisfação dos seus quereres particulares. Tais ações são classificadas pelo autor de egoístas por não levarem em consideração o outro, mas os desejos que preenchem a consciência humana no ato de agir. Nesse primeiro momento a leitura schopenhaueriana da “natureza humana” corrobora com o egoísmo psicológico, pois os indivíduos procuram afirmar a sua vontade de vida por entenderem intuitivamente que a impossibilidade de efetivação dessa pulsão vital denominada vontade promove carência, sofrimento. Porém, Schopenhauer reconhece que existem ações, embora raras, desinteressadas. Nesse momento o egoísmo é suprimido e o agente moral é tomado por uma compreensão metafísica do mundo que o faz agir por compaixão. Nossa pretensão é clarificar como se dá essa passagem do egoísmo psicológico à compaixão metafísica, segundo a visão de mundo schopenhaueriana, recolocando o autor no debate metaético contemporâneo.

Palavras-Chave: Vontade. Representação. Egoísmo. Compaixão.

Abstract: In Book IV of *The World as Will and Representation*, Arthur Schopenhauer asserts that human actions can happen for reasons and quietivos. The actions that take into account a chain of motives are always self-addressed, bearing in mind that individuals act to the satisfaction of his wants private. Such actions are classified by the author as selfish by not taking into consideration the other, but the desires that fill the human consciousness in the act of acting. In that first moment reading Schopenhauer's "human nature" corroborates psychological egoism, since individuals seek to assert their will to live because they understand intuitively that the impossibility of effecting this vital instinct called deficiency promotes ease suffering. But Schopenhauer recognizes that there are actions, although rare, disinterested. At that moment the selfishness and deleted and moral agent is taken by a metaphysical understanding of the world that makes him act out of compassion. Our intention is to clarify how is this passage from psychological egoism to compassion metaphysics, according to Schopenhauer's worldview, placing the author in contemporary meta-ethical debate.

Keywords: Will. Representation. Selfishness. Compassion.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ética e Epistemologia/UFPI.

1. O mundo do ethos: a inserção de Schopenhauer no debate metaético contemporâneo

No VII capítulo do *The Blackwell guide to ethical theory*, livro organizado por Lafollette com intuito de apresentar os principais temas que estão na agenda da discussão ética contemporânea, Elliott Sober, professor e pesquisador do departamento de filosofia de Wisconsin-Madison, possui um artigo intitulado de *Psychological Egoism*. Nele o autor aborda um debate recorrente entre as teorias morais, que levam em consideração as inclinações, motivações, disposições e desejos do indivíduo no momento da ação moral, a saber, o Egoísmo Psicológico e o Altruísmo Moral. Ambas as perspectivas éticas são classificadas com uma teoria da motivação, haja vista que elas procuram compreender os atos morais a partir de uma elucidação dos estados psicológicos internos do agente, embora discordem dos motivos que impulsionam os humanos a agirem.

Com o intuito de problematizar ao seu leitor sobre a relevância que os motivos possuem para uma compreensão mais pormenorizada do fenômeno ético, tanto em nível de teoria quanto da prática, Sober ilustra a questão com um exemplo hipotético de um soldado na trincheira que deliberadamente se joga em direção a granada e morre para salvar os seus amigos de guerra. O auto-sacrifício do soldado possui uma motivação egoísta ou altruísta? A descoberta sobre os verdadeiros motivos que impulsionam os indivíduos a agirem, tanto em situações do cotidiano quando limítrofes, é uma questão que o Egoísmo psicológico e o Altruísmo moral precisam responder caso ambas tenham a pretensão de continuar sendo vistas como teorias éticas relevantes diante da literatura filosófica contemporânea.

As teorias morais que se associam ao egoísmo psicológico possuem como axioma a ideia de que todas as nossas vontades são auto-dirigidas. Os desejos dirigidos para os outros, sejam eles para o “bem” ou para o “mal” - são direcionados apenas de modo instrumental para a promoção do nosso próprio bem estar. Transportando essa lógica para o “jogo real da moralidade”, o outro será sempre visto como um meio para um fim, e nunca como um fim em si mesmo, apropriando-se de um vocabulário kantiano, independentemente dos impactos positivos e negativos que a ação possa promover em outrem. Essa descrição que fizemos acerca do egoísmo psicológico é confirmada nas primeiras linhas do artigo de Sober:

O egoísmo psicológico é uma teoria da motivação que todos os nossos desejos últimos são auto-dirigidos. Sempre que queremos que os outros se saiam bem (ou mal), temos esses desejos para os outros apenas instrumentalmente; preocupamo-nos com os outros porque pensamos que o seu bem estar influenciará o nosso próprio bem estar [...] O egoísmo é uma teoria descritiva, não normativa. Procura caracterizar o que de fato motiva os seres humanos, mas nada diz sobre se essa motivação é certa ou errada. (SOBER, 2000, p. 129)

Deve-se pontuar que o egoísmo psicológico não possui nenhuma pretensão de prescrever regras morais ditando quais seriam as ações certas ou erradas, boas ou más, justas e injustas para o agente moral, mas apenas entender o que de fato motiva os humanos a agirem no mundo. No exemplo do soldado que descrevemos acima, os egoístas poderiam elencar inúmeras motivações auto-dirigidas como, por exemplo, o fato de que é preferível morrer a conviver com a culpa de não ter salvado seus amigos naquelas circunstâncias, ou mesmo que a escolha do auto-sacrifício adveio do medo de ser torturado caso fosse condenado após o término da guerra.

O altruísmo moral, contrariamente ao egoísmo psicológico, defende a tese de que os homens podem agir sim desinteressadamente em uma determinada circunstância. Elliott Sober nos alerta que as teorias éticas que se filiam ao altruísmo não negam que os indivíduos possam agir levando em consideração motivações egoístas, mas que há também ações que são motivadas pelo bem do outro independentemente do nosso próprio bem. Enquanto o egoísmo é uma teoria ética monista, por acreditar que todas as motivações são sempre auto-dirigidas, os altruístas são pluralistas, pois elas aceitam a possibilidade de haver mais de uma motivação.

Diante dessa breve exposição sobre o objeto de estudo do artigo de Sober, acreditamos que o filósofo alemão do século XIX Arthur Schopenhauer tenha algo a acrescentar nesse debate metaético contemporâneo acerca das teorias motivacionais egoístas e altruístas, pois as suas considerações morais encontradas no quarto livro de *O mundo como vontade e representação* (2005) bem como e em *Sobre o Fundamento da Moral* (1995), trabalham explicitamente, como apontaremos adiante, com o egoísmo e com a compaixão.

Sua ética, assim como definição preliminar de Sober sobre as teorias egoísticas e altruístas, procura entender as ações humanas mediante a lei de motivação. Assim, passaremos para uma exposição detalhada sobre a ética schopenhauriana tendo como objeto os elementos psicológicos e metafísicos de sua filosofia.

Não temos a pretensão de estabelecer uma análise comparativa sobre as conclusões do artigo de Elliott Sober e a reflexão moral de schopenhaueriana, mas apenas evidenciar, a partir dessa exposição inicial do texto do professor de Wisconsin-Madison, que Schopenhauer continua sendo um autor que pode contribuir para a compreensão do “mundo do ethos” no debate metaético contemporâneo.

2. As motivações antimorais: o egoísmo psicológico schopenhaueriano

Em *Sobre o fundamento da moral* Schopenhauer afirma que se quisermos compreender a natureza humana devemos ter em mente que a principal motivação que rege as ações dos homens e animais é o egoísmo. Como todos nós somos constituídos de um ímpeto cego, irracional, irrefreável denominado Vontade² de vida, segundo a metafísica schopenhaueriana, é necessário que todos os seres vivos tenham para que a sua existência e o bem-estar sejam eminentemente garantidos. Do ponto de vista moral as ações humanas possuem como principal motivação o egoísmo. No trecho a baixo Schopenhauer confirma essa tese:

A motivação principal e fundamental tanto no homem como no animal, é o egoísmo, quer dizer, o ímpeto para existência e o bem-estar. A palavra alemã “Selbstsucht” [amor próprio] leva a um falso conceito, próximo de doença. A palavra “Eigennutz” [interesse próprio] indica o egoísmo enquanto este é guiado pela razão que o torna capaz, por meio da reflexão, de perseguir o seu alvo de modo planejado. [...] Assim, todas as suas ações surgem, via de regra, do egoísmo, e é sempre neste que deve ser por fim buscada a explicação de uma ação dada (SCHOPENHAUER, 1995, p.114).

² Utilizaremos ao longo desse artigo, a fim de evitar maiores confusões conceituais, a mesma distinção entre *Vontade* e *vontade* feita por Jair Barbosa na sua tradução de *O mundo como vontade e representação*. A *Vontade* com V maiúsculo corresponde ao substrato do mundo no qual somos, apenas, modos específicos de manifestação da mesma. À *vontade* com v minúsculo diz respeito à mola impulsora do querer interior que determinam as ações humanas. O indivíduo que participada da Ideia de Homem é, apenas, uma manifestação da *Vontade* que se particularizou no *princípio de individuação*. À *vontade* de vida sentida por cada ser possui as mesmas características da *Vontade* pensando como coisa-em-si.

O egoísmo, bem longe de ser amor próprio ou doença, é o dispositivo que a natureza “encontrou” para que a vida se autopreserve. Os homens por serem a única manifestação da Vontade (aqui pensada como coisa-em-si) dotados de racionalidade, possuem a capacidade de entender abstratamente os melhores meios para se atingir o fim desejado atualizando, assim, a sua pulsão vital. Deve-se acrescentar que diferentemente da filosofia kantiana, que defende a asserção de que a razão pura prática legisla sobre a boa vontade fazendo com que os indivíduos hajam por dever, Schopenhauer considera a racionalidade apenas subproduto da Vontade. Trata-se de uma ferramenta capaz de entender o mundo abstratamente. Porém, essa “ferramenta” não possui nenhum poder legislador sobre o querer.

Para Schopenhauer, o egoísmo é um ímpeto que não possui limites, pois o homem naturalmente age de maneira incondicional para livrar-se do desconforto e da dor, que corroem o espírito quando as vontades particulares não conseguem ser objetivadas. Nas palavras de Simmel “tal realidade só aparece no momento em que as formas individuais duais atribuem à vontade alguma finalidade aparente, lutando umas contra as outras e despertando no cérebro individual a consciência disso e a dor (2001, p.139)”. Consequentemente, os indivíduos se aproximarão daquilo que promovem satisfação pessoal, gozo e bem-estar, visto que esses elementos potencializam a Vida que não deixa de pular nos seres.

Sob a ótica da Vontade - primeiro conceito basilar que permeia a filosofia schopenhaueriana - encontramos dois argumentos a favor do egoísmo: a autopreservação como um mecanismo que garante que a Vontade de Vida não seja aniquilada e o sofrimento que é sentido quando o impulso vital não é atualizado sob um desejo que aparece ao sujeito que representa. Outro elemento usado por Schopenhauer para fortalecer o argumento de que a maior parte das motivações que invadem a consciência humana são efetivamente egoístas, relaciona-se com o fato do indivíduo possuir uma compreensão intuitiva de que ele é o sustentáculo do sujeito que, por sua vez, é condição fundamental para o que o mundo representacional continue a existir.

Eis por que cada um quer tudo pra si, quer tudo possuir, ao menos dominar, e assim deseja aniquilar tudo aquilo que lhe põe resistência. Acresce ao dito o fato de que, no ser cognoscente o indivíduo é sustentáculo do sujeito que conhece e esse é sustentáculo do mundo. Noutros termos, toda a natureza exterior ao sujeito que conhece, portanto todos os demais indivíduos existem apenas em sua representação [...] Dependente do seu próprio ser e existência, pois, se sua consciência sucumbisse, o mundo também sucumbiria necessariamente (SCHOPENHAUER, 2005, p.446).

Ora, intuitivamente o indivíduo sabe que, enquanto sujeito, é o sustentáculo do mundo, e que todas as coisas que aparecem na exterioridade só existem na medida em que essa vontade permanecer pulsando ou existindo. Para que o mundo continue existindo, a vontade de vida precisa continuar sendo preservada, nem que para isso seja preciso extinguir todos os outros fenômenos existentes na realidade. Schopenhauer afirma que se fosse dado ao indivíduo escolher entre a sua própria aniquilação e a do mundo, a maioria nem hesitaria em responder que era preferível o mundo. Aqui temos mais uma justificativa que reconhece o caráter egoístico do homem, só que agora sob o segundo aspecto que compõe o mundo: a Representação.

Em consequência com o exposto, podemos dizer que a filosofia schopenhaueriana se filia em partes ao egoísmo psicológico quando este afirma que os desejos que direcionamos a outrem são auto-dirigidos. Por mais que a ação analisada em questão não promova nenhum tipo de mal a outrem, ou mesmo promova o bem - como é

o caso do soldado na trincheira que se sacrifica para salvar vida - Schopenhauer não se preocupa necessariamente com as consequências positivas ou negativas da ação, mas se ela foi interessada ou desinteressada.

Se no momento da ação algum interesse nos assaltar a consciência o outro terá sido apenas um meio para a satisfação de um desejo pessoal. Como ontologicamente somos constituídos de querer, assinala Schopenhauer, as nossas ações geralmente seguirão a cadeia de motivos interessadas na tentativa de nos afastarmos do sofrimento promovido pela impossibilidade momentânea de satisfação da vontade. Dito de outra maneira, o bem estar ou o mal estar serão sempre mensurados a partir daquilo que promove satisfação ou insatisfação ao querer.

Os atos que seguem a cadeia de interesses particulares não recebem o estatuto, segundo a visão de Schopenhauer, de uma ação genuinamente moral. Em *Sobre o fundamento da moral* encontramos essa asserção contundente sobre as motivações egoístas. Vejamos:

Egoísmo e valor moral simplesmente excluem-se um ao outro. Se uma ação tiver um fim egoísta como motivo, então ela não pode ter nenhum valor moral. Deva uma ação ter valor moral, então um fim egoísta não pode ser seu motivo mediato ou imediato, próximo ou longínquo [...] A significação moral de uma ação só pode estar na sua relação com os outros. Só com referência a estes é que ela pode ter valor moral (SCHOPENHAUER, 1995, p. 126).

Schopenhauer desvincula egoísmo e valor moral mediante a ideia de que a moralidade se constitui apenas na relação efetiva com os outros. Se as ações tiverem uma única motivação particular - independentemente do bem que ela possa promover - o outro não estará sendo o fim último da ação, mas apenas um meio para a satisfação dos seus desejos particulares. Sendo assim, as ações que possuem motivações egoístas são classificadas de antimorais.

Diante da afirmação schopenhaueriana de que o egoísmo é a mola impulsora que motiva a maior parte dos homens a agirem no mundo; e tendo em mente que o autor estabelece uma separação radical entre egoísmo e valor moral classificando as ações que levam em consideração o interesse individual com antimorais; poderíamos formular a seguinte questão: existe algum tipo de ação em que o agente se desprende dos interesses particulares? Quais seriam as circunstâncias que motivariam o sujeito a agir desinteressadamente?

Para Schopenhauer, a ação genuinamente moral existe, embora rara. Ela acontece quando o sujeito desprende-se dessa cadeia de desejos que invadem a consciência diariamente, ou seja, quando ele desamarra-se dos grilhões do conhecimento submetido ao princípio de razão suficiente do agir³. Nesse momento o indivíduo “esquece” momentaneamente as suas vontades particulares em nome de uma compreensão metafísica do mundo. Reconhecendo intuitivamente, a partir do sofrimento do outro, que a Vontade de Vida não nasce nem perece, sendo essas figuras atribuídas apenas ao seu fenômeno.

³ “O princípio de razão, nada é senão uma razão pela qual é, e que se aplica à totalidade dos fenômenos, possui, segundo Schopenhauer, quatro raízes. Daí o tema do seu doutorado *Sobre a quádrupla raiz do princípio de razão suficiente*. As suas raízes são: 1 – princípio de razão do devir: a eles estão submetidas às representações da realidade, isto é, da experiência possível; 2 – princípio de razão do conhecer: a eles estão submetidas as representações das representações, isto é, os conceitos; 3 – princípio de razão de ser: estão submetidas a parte formal das representações, isto é, as intuições das formas do sentido externo e interno dadas *a priori*, o espaço e o tempo; 4 – princípio de razão de agir: a ele está submetido o sujeito do querer, o seu agir conforme a lei de motivação.” CF na pag. 48 de *O mundo como vontade e representação*.

3. A motivação moral: a compaixão metafísica

Os seres que conseguem enxergar o mundo para além do princípio de razão, não vendo mais fenômenos que agem mediante as motivações particulares que apareceram a partir dos desejos auto-dirigidos que despertam o querer, reconhecem que a essência íntima do mundo, a Vontade, da qual eles, enquanto fenômenos, participam, é a fonte originária de todo sofrimento e dor sentida por cada ser que habita o mundo. Quando há uma supressão da individualidade, aquietando o querer momentaneamente, a ação humana não segue a rede causal das motivações externas que incitam um agir interessado. Neste breve instante o indivíduo não promove uma desconsolação e carência no mundo do *ethos* - pois sempre há confronto de vontades - por não sobrepujar a vontade de outrem. Nesse caso, podemos afirmar que o homem agiu por compaixão:

A quem, portanto, atingiu essa última forma de conhecimento, a esse tornar-se-á claro que, como Vontade é o em-si do fenômeno, o tormento a infligindo a outrem, o tormento experimentado por si mesmo, o mal, o padecimento concernem sempre e exclusivamente a uma única e mesma essência, embora os fenômenos nos quais se expõe existam enquanto indivíduos inteiramente diferentes e até mesmo separado por completo de e espaço. Verá que a diferença entre quem inflige sofrimento e quem tem de suportá-lo é apenas fenômeno e não atinge a coisa-em-si, isto é, a Vontade que vive em ambos. Vontade que, aqui, enganada pelo conhecimento atado ao seu serviço, desconhece a si, procurando em UM de seus fenômenos o bem-estar, porém em OUTRO produzindo grande sofrimento, e, desta forma, em ímpeto veemente, cava dos dentes na própria carne sem saber que fere sempre a si própria, manifestando-se desse modo médium da individuação e o conflito dela consigo mesma, que porta em seu próprio interior. O atormentador e atormentado são unos. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 452).

O conhecimento submetido ao princípio de razão não permite que o indivíduo reconheça que a Natureza inteira na luta interna, cotidiana e interminável travada até mesmo entre os seres de uma mesma espécie, a fim de preservar o seu ímpeto de vontade de vida - só sucumbe enquanto fenômeno, nunca como Vontade mesma. Nascimento e morte aplicam-se tão somente aos fenômenos, que estão submetidos a tempo e espaço, de modo algum a Vontade pensada como coisa-em-si. A ação compassiva, que só acontece quando não há interesses particulares envolvidos, portanto, altruísta, se dá via negação do querer vital.

Apesar de parecer paradoxal, a proposta schopenhaueriana aponta exatamente para o exercício do amor puro e da compaixão, que se efetivam quando a ação do fenômeno reconhece que a afirmação da sua vontade, enquanto fenômeno particular promove sofrimento a outro ser/indivíduo. Por meio da compaixão, podemos nos aliviar por completo desse sofrimento arraigado no querer, redimindo-nos da dor e do tédio que sentimos quando as circunstâncias não nos possibilitam a efetivação das nossas vontades. Esse conhecimento do mundo desvinculado dos desejos particulares faz com que reconheçamos o sofrimento alheio como o nosso, não mensurando a desconsolação e a dor do outro como menor ou inferior à nossa. Os interesses particulares não são alvos da nossa ação, mas o desconsolo e a carência do outro, visto que o “sujeito recusa a falta de consideração, que está unida à sua existência individual, colocando-se no lugar do outro, sentindo com ele; a identidade essencial entre eles possibilita esse comportamento. (SIMEL, 2011, p 141)”. Quando o direcionamento do agir nega a nossa própria vontade, deixamos de sobrepujar o nosso querer face ao querer de outrem, evitando o sofrimento deste. Quando o conhecimento intuitivo do mundo entra em ação, o sujeito reconhece que ele não é apenas alvo de sofrimento, mas causador do sofrimento alheio:

Nesse sentido, não importa o que é a bondade, o amor e a nobreza de caráter possam fazer pelos outros, tem-se aí sempre apenas o alívio dos sofrimentos; consequentemente o que pode mover a bons atos, a obras de amor é sempre e tão-somente o CONHECIMENTO DO SOFRIMENTO ALHEIO, compreensível imediatamente a partir do próprio sofrimento e posto no mesmo patamar deste. Daí, no entanto, segue-se o seguinte: o amor puro (*caritas*), em conformidade com a sua natureza, é compaixão, e o sofrimento que alivia, ao qual pertence todo desejo insatisfeito, tanto pode ser grande quanto pequeno. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 477).

Diante do exposto, podemos afirmar que, quando a vontade é negada a partir desse conhecimento íntimo que temos do mundo, o que sentimos interiormente não é sofrimento, dor, tédio, insatisfação, decorrentes de uma impossibilidade de insatisfação do querer, mas bem-estar e alívio mediante a ação compassiva desprendida de motivações particulares. Essa tranquilidade espiritual ocorre por que nos desprendemos da condição de indivíduos. À vontade que pulsa por todo o corpo é aquietada por alguns instantes frente ao conhecimento do sofrimento alheio.

O sofrimento do fenômeno com o qual o indivíduo interagiu atuou como quietivo para o agente exatamente porque ele foi capaz de intuir imediatamente que, ao afirmar a sua vontade, promoveria mais dor no mundo. Essas são as únicas ações genuinamente morais de acordo com o autor. Por tratar de uma ação que rompe momentaneamente com a lei de motivação o sujeito moral desprendido de querer não precisa ter uma lista de razões que o convença da importância de reconhecer a carência de outrem. Ela não pode ser prescrita. Essa inviabilidade normativa da compaixão dá mediante o caráter espontâneo da ação.

Retornando ao exemplo do soldado na trincheira que se lançou em direção à granada para salvar os seus companheiros de guerra, poderíamos dizer que Schopenhauer não inviabiliza a possibilidade da ação ter sido mesmo desinteressada, corroborando, então, com os altruístas. O sofrimento - elemento que possibilita o indivíduo desprender do conhecimento causal do mundo, mediante a atuação do princípio de razão - é, sem dúvida, uma figura real em um ambiente onde se tem confronto armado.

Deve-se ter em mente ainda que o interesse ou o desinteresse do indivíduo não é algo que possa ser apreendido no instante em que a ação acontece; mas apenas sentido. Se no momento da ação assaltou a consciência do soldado um desejo - e este para ser alcançado necessitaria de uma ação dirigida para os outros companheiros - então, o egoísmo foi a “voz” que o conduziu a agir. Porém, se o sofrimento permitiu que ele enxergasse o mundo para além das imagens que incitam o querer, então, ele foi “guiado” pela compaixão que só é compreendida por intermédio da intuição.

4. Considerações Finais

O corolário deste artigo consiste em evidenciar, dentro do sistema de pensamento schopenhaueriano, como ocorre à passagem do egoísmo psicológico à compaixão metafísica no escopo da discussão moral proposta pelo autor em *O mundo como Vontade e representação* e em *Sobre o fundamento da moral*, a fim de mostrar que a filosofia de Schopenhauer possui elementos que acrescentam no debate metaético contemporâneo.

No primeiro momento deste trabalho evidenciamos os elementos da filosofia schopenhaueriana que corroboram com o egoísmo psicológico. De acordo com o que expusemos, as ações humanas na maior parte das vezes são auto-dirigidas. Isso ocorre devido ao fato de sermos ontologicamente constituídos de Vontade, que em seu sistema de pensamento é sinônimo de Vida. Para que a vida existente em cada ser vivente continue a

pulsar de modo saudável, a existência e o bem estar dos indivíduos precisam ser preservadas. A autopreservação da vida e a apazividade do corpo e do espírito estão diretamente ligadas a um tipo de ação que afirma a Vontade de vida. Assim, instintivamente todos os seres (incluído os homens) irão se afastar de tudo aquilo que se opõe e promove desconforto ao querer, tendo em mente que é na afirmação da vontade que a vida é sentida intensamente pelos seres.

Acrescenta-se ainda o fato de que intuitivamente as inúmeras manifestações particularizadas da Vontade também sabem que o mundo “desintegra-se”, simplesmente acaba para ele, caso a sua vontade seja aniquilada. Essas são, segundo a ótica schopenhaueriana, as principais motivações que invadem a consciência do sujeito cognoscente no momento da ação. A autopreservação da vida e a satisfação do querer são as justificativas apresentadas por Schopenhauer para explicar que o egoísmo é uma das motivações que regem ações humanas no mundo do *ethos*.

Apesar de Schopenhauer reconhecer o egoísmo como um impulso natural, não estabelecendo uma valoração negativa como geralmente faz o senso comum, o autor estabelece uma cisão entre egoísmo e valor moral pelo fato das ações auto-dirigidas não levarem em consideração o outro, mas apenas os desejos que invadiram a mente humana no momento da ação. Mesmo que a ação não promova necessariamente nenhum mal ao outro, o ímpeto de agir levou em conta um interesse particular que, por sua vez, está genericamente associado com a autopreservação e o bem-estar do agente. Nesses moldes as ações humanas são anti-morais.

Acreditamos que essa classificação estabelecida por Schopenhauer de que as ações humanas que possuem uma motivação egoísta são anti-morais é o primeiro elemento que desvincula em partes, o autor das teorias motivacionais que se associam ao diretamente egoísmo psicológico. Além disso, Schopenhauer não é um monista motivacional. O egoísmo psicológico afirma que todas as motivações dos indivíduos são auto-dirigidas, como se não houvesse a possibilidade de existirem ações desinteressadas visando o bem do outro independentemente de um interesse particular.

Na visão de mundo metafísica schopenhaueriana existe espaço para as ações desprovidas de interesses particulares. Essas ações acontecem quando o agente desprende-se momentaneamente da cadeia de desejos, que são representadas abstratamente pelo sujeito sob a figura de um motivo egoísta, em nome de uma compreensão intuitiva de mundo que o faz enxergar a vida para além do seu próprio bem-estar, reconhecendo imediatamente o sofrimento de outrem.

A ideia que preenche o entendimento do agente moral é a de que a Vontade, elemento que é comum em todos os seres que compõem a natureza, é a fonte de todo sofrimento do mundo. O indivíduo também compreende que ele também é causador do sofrimento por ser produto daquilo que irradia carência aos homens. Nesse construto humano denominado *ethos*, a afirmação da vontade de vida de um indivíduo implicará, em algum momento, na negação da vontade de vida de outro.

É em nome desse entendimento intuitivo e imediato do mundo que faz o indivíduo passar do egoísmo psicológico à compaixão metafísica. Sendo as ações compassivas as únicas que podem ser classificadas como genuinamente morais. Assim, Schopenhauer vincula-se ao Altruísmo Moral por duas razões: por reconhecer a possibilidade de haver motivações egoístas e não egoístas reconhecendo, assim, o pluralismo motivacional; e por afirmar que a compaixão é o fundamento das ações humanas.

Com base no exposto, poderíamos finalizar nos arriscando a responder a questão que fizemos no início do artigo a título de provocação: o soldado que se jogou em direção a granada para salvar os seus companheiros de guerra agiu por egoísmo ou compaixão? Certeza sobre se a ação foi auto-dirigida ou dirigida a outrem nunca teremos, tendo em

vista que os atos intencionais não podem ser representados por aqueles que pretendem avaliar ou classificar a ação.

No entanto, acreditamos que Schopenhauer responderia que o soldado agiu por compaixão. O que alimenta o egoísmo são as ações que visam a autopreservação e o bem-estar. O sacrifício absoluto do querer particular, o que implica necessariamente numa anulação definitiva do mundo como representação, não parece afigurar entre os motivos que preenchem a consciência humana em nome de uma afirmação da Vontade de vida. O que parece ter acontecido nesse caso hipotético é uma negação do interesse particular em vista do sofrimento do outro. E é exatamente no reconhecimento do outro que entra em cena o ato de compaixão.

Referências

SAFRANSKI, Rudiger. **Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia: uma biografia**. Tradução William Lagos. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SIMMEL, Georg. **Schopenhauer e Nietzsche**. Tradução: César Benjamim Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução, apresentação e notas de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

_____. **Sobre o fundamento da moral**. Tradução: Maria Lúcia Cacciola. São Paulo. Editora: Martins fontes, 1995.

SOBER, Elliot. Psychological egoism. In LaFollete, Hugh (Ed.) **The Blackwell Guide to Ethical Theory**. Oxford, Blackwell, 2000.

Texto recebido em: 28/07/2014
Aceito para publicação em: 30/07/2014